

Antiguidades de Fontalva. Neo-eneolítico e época romana

Por A. do PAÇO, O. da VEIGA FERREIRA
y Abel VIANA

Fontalva é uma vasta herdade situada no concelho de Elvas, a norte de Barbacena e a sul de Santa Eulália.

Num alto de onde se «domina quase toda a propriedade» foi construída a casa de habitação, «no estilo Renascença da região romana», obra de Alfredo de Andrade, que foi artista notável, pintor, arquitecto e arqueólogo, e a quis aprazível «e defendida contra os rigores do clima, para que nela se vivesse com a comodidade necessária» sem que seus moradores se sentissem «repelidos para a cidade, podendo assim seguir os progressos» da empreza agrícola ali instalada, mantendo-se em contacto com os seus auxiliares, os operários, cujo progresso também era necessário e a cujo bem estar mais de perto se poderia acudir ¹.

Esta herdade situa-se portanto, numa das mais ricas regiões dolménicas do país e, contrariamente ao que em geral sucede, tais monumentos acham-se aí bem conservados, devido ao zelo do seu proprietário, o Dr. Rui de Andrade.

* * *

No verão de 1938, achava-se em Portugal, a estudar a nossa arqueologia, o doctor Horturig Neumann Savory, então bolseiro da Universidade de Oxford e hoje dos quadros do Museu Nacional de Gales, em Cardiff.

Savory, que com um de nós (A. do Paço) tinha visitado e estudado co-

(1) Sobre as causas que levaram à instalação de tal empreendimento agrícola, sua evolução e carinho posto em todas suas coisas, vejase: RUI

DE ANDRADE, "Font' Alva. Vida agrícola de Alfredo de Andrade", Lisboa, 1948.

lecções arqueológicas de Lisboa, manifestou desejo de conhecer algumas antas in loco e, se possível fosse, assistir a escavações em algumas.

Fez-se o devido pedido ao Ministério de Educação Nacional e, uma vez deferido, a convite e em companhia do Dr. Rui de Andrade, e também com o saudoso Rev^o P. Eugénio Jalhay, fomos até lá.

Ali se procedeu à escavação de três antas (da Torna de Poço da Pereira, do Alto de Miraflores e do Olival do Monte Velho), bem como se visitaram várias outras situadas dentro da mesma propriedade, e ainda os belos monumentos das imediações: Anta do Torrão e Anta da Coutada de Barbacena.

Fontalva é um local de grande interesse arqueológico, pois ali se encontra de tudo, desde o Paleolítico ao Visigótico.

Quando da abertura de um poço, acharam-se algumas peças paleolíticas ², a que se seguiram mais tarde outras descobertas.

Uma lucerna romana e uma fivela de cinturão, visigótica, também dali provenientes, foram já objecto de um breve estudo ³.

Em Fontalva, os seus proprietários recolhem cuidadosamente tudo o que represente interesse arqueológico, ofertandolo depois ao Museu dos Serviços Geológicos, em Lisboa.

São os materiais provenientes de tais dádivas do Sr. Dr. Rui de Andrade, que nos propomos hoje estudar.

Para melhor ordenação, dividiremos o nosso trabalho em duas partes:

I.—Materiais neo-eneolíticos; II.—Materiais romanos.

Dos materiais neo-eneolíticos faremos, ainda, as seguintes sub-divisões:

A) Antas escavadas em 1938; B) Outras recolhas; C) Colheitas no povoado pré-histórico.

I.—Materiais neo-eneolíticos

(A) Escavações de 1938

Daremos uma nota do resultado dos trabalhos efectuados na presença de Savory, os quais, como atrás referimos, consistiram na exploração de três dólmenes e no exame de vários outros.

«Anta da Torna de Poço da Pereira.—Fica em uma pequena elevação do terreno a norte do Palácio de Fontalva. E formada por 10 esteios dispostos verticalmente (Fig. 1 e Est. IV, 11 e 12), constituindo um recinto oblongo com 2m,50 de comprido por 1m,50 de largo, incluindo a espessura das pedras. Os esteios são de dimensões variadas, apresentando a seguinte escala de alturas: 1m,19 1m, 0m,90—0m,80. A orientação da anta é a de E-W.

O espólio constou de: Cuatro machados de pedra polida, um dos quais muito imperfeito; uma faca de sílex; dois micrólitos trapezoidais, de sílex; vários fragmentos de cerâmica os quais, pelo reduzido das dimensões, não permitem reconstituição da forma do vaso a que pertenciam; alguns fragmentos amorfos de quartzo e de cristal de rocha.

«Anta do Alto de Miraflores».—Está situada em uma crista a SW. do Palácio. E formada por 8 esteios, alguns deles de avantajadas dimensões,

(2) AFONSO DO PAÇO, "Páleo e mesolítico portugueses". Academia Portuguesa da Historia. *Anais*, vol. IV, Lisboa, 1941.

(3) AFONSO DO PAÇO e OCTAVIO DA VEIGA FERREIRA, "Antiguidades de Fontalva", *Revista de Guimarães*, vol. LXI, Guimarães, 1951.

dois dos quais se encontram tombados (Est. II, 5 e 6; Est. III, 7, 8, 9, e 10). Várias pedras grandes que jaziam a uns 20 e 40 metros, espalhadas pelo campo, deram-nos a impressão de terem pertencido a este dólmen, presentemente bastante desmantelado. Os esteios tombados foram re-erguidos e

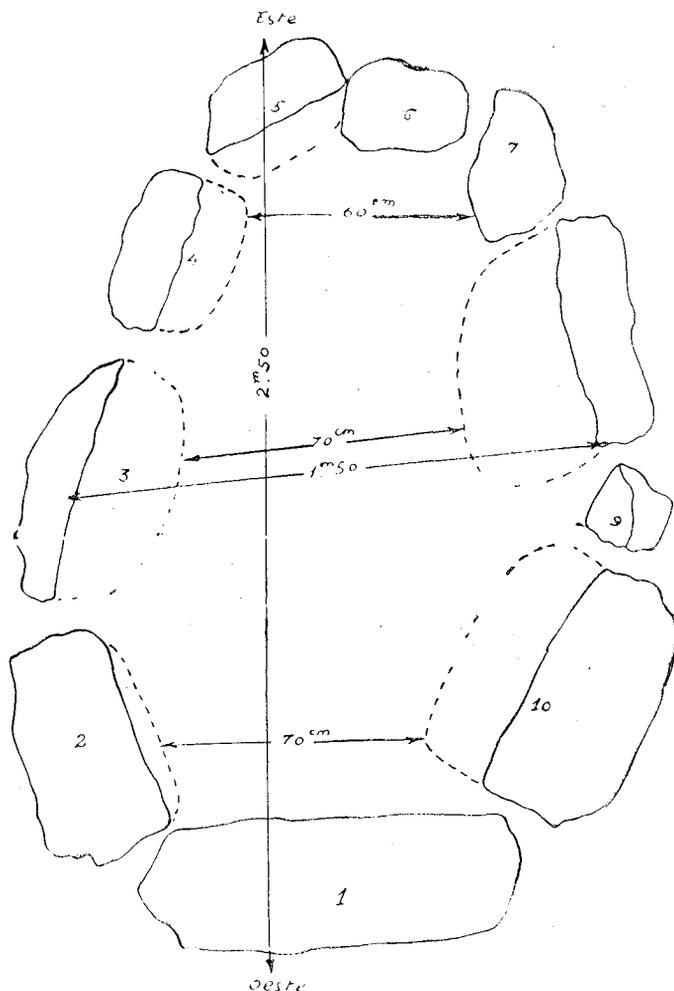
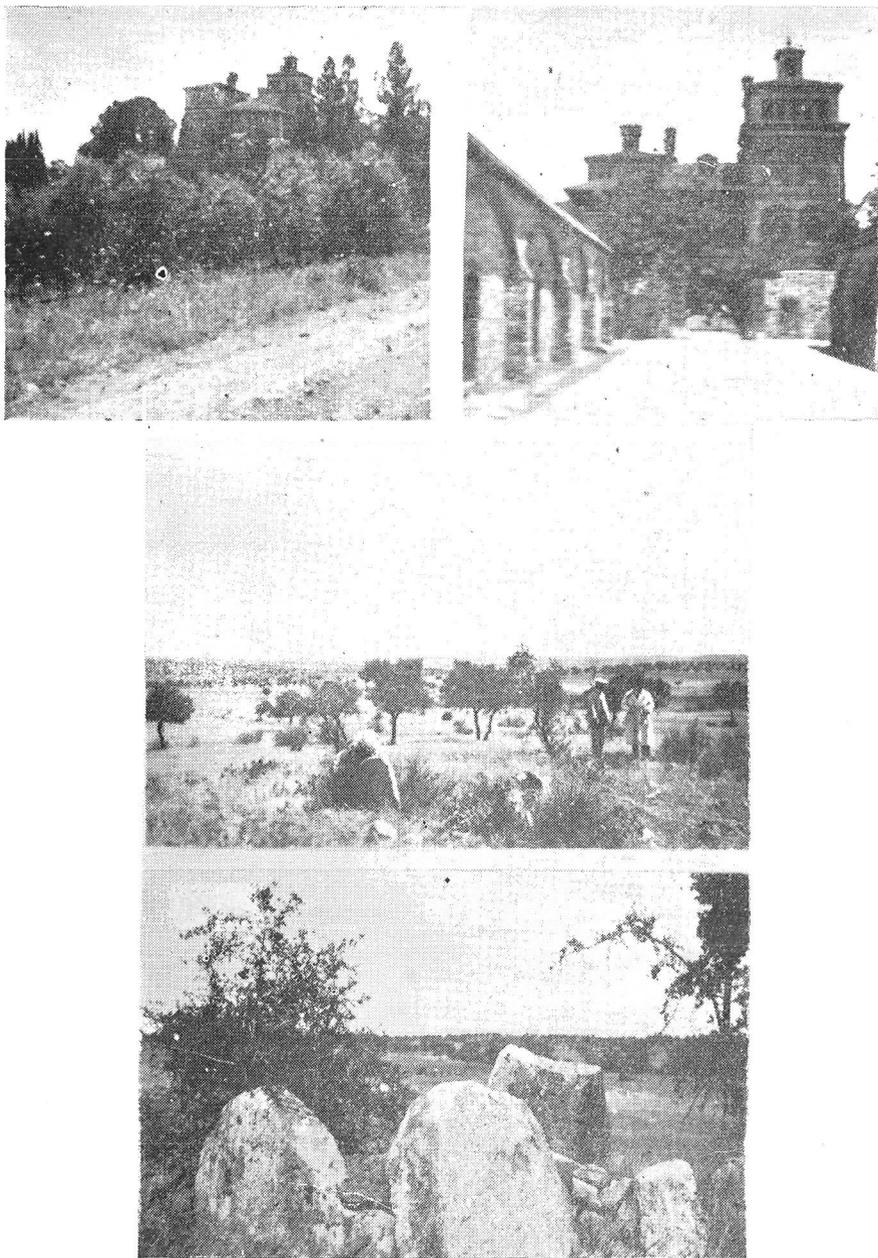


Fig. 1. — Anta da Torna de Poço da Pereira.

consolidadas no terreno, a fim de evitar a total demolição do monumento, sempre fácil de ocorrer quando as antas se levantam em terreno agricultado.

Esteios caídos e pedras dispersas constituem, por via de regra, fortes indícios de violação. No caso presente, assim aconteceu, visto se terem recolhido, apenas, um micrólito trapezoidal, de sílex, e um informe fragmento cerâmico.

«Anta do Olival do Monte Velho».—Situada em um pequeno montículo,



Est. I. — 1 e 2, Palacio de Fontalva; 3, anta do monte da D. Miguel; 4, dólmen do Porto de Cima da D. Miguel.

na encosta da colina encimada pelo Monte Velho —uma espécie de fortaleza pentagonal que fôra, desde o início de Fontalva, habitação dos Pessanhas, até 1870, data em que a herdade foi vendida, e, após isso, moradia dos actuais proprietários, até à edificação do Palácio, na colina fronteira—, esta anta, presentemente muito destruída, era de câmara circular e mostra que teve corredor. (Fig. 2; Est. V, 13 e 14.)

Um dos esteios foi retirado de seu lugar em metido no alinhamento de uma parede que passa a meio da câmara, e outros foram levados para diversos destinos.

Mesmo assim, contam-se 8 esteios, incluindo um que devia ter pertencido ao corredor, estão todos mais ou menos em seu primitivo lugar, fora o de maiores dimensões, que se encontrava tombado no interior da câmara, fendido a meio e coberto de terra.

E de creer que o início do desmantelamento date da época romana, porque no interior da câmara se encontraram abundantes fragmentos de tégula, alguns logo por baixo do grande esteio soterrado.

A orientação é a mesma da antas anteriores: Leste-Oeste, estando o corredor voltado para Oriente.

Como espólio, apurou-se: Quatro pontas de seta, duas de sílex e duas de quartzo hialino; um micrólito trapezoidal, de sílex; dois fragmentos de ídolo-placa; vários fragmentos de cerâmica, um dos quais com mamilo dotado de furo de suspensão.

«Anta da Cabeça Gorda».—Situada em uma pequena elevação quase no extremo da propriedade. Segundo conta um dos trabalhadores que nos acompanharam nas escavações, esta anta foi uma das exploradas por Tomás Pires, de Barbacena, homem que revolveia os dólmenes a fim de negociar os objectos neles encontrados.

Restam-lhe seis esteios, dois dos quais tombados. No terreno ao lado, achou-se um fragmento de faca, de cristal de rocha.

«Anta do Porto de C'ma da D. Miguel».—Também situada quase na extrema da propriedade. Está muito destruída, mas ainda conserva cinco esteios.

«Anta da D. Miguel».—(Est. I, 4.) Não muito longe da anterior, em uma elevação junto ao «monte» do mesmo nome. E de todas a mais danificada, restando-lhe somente três esteios.

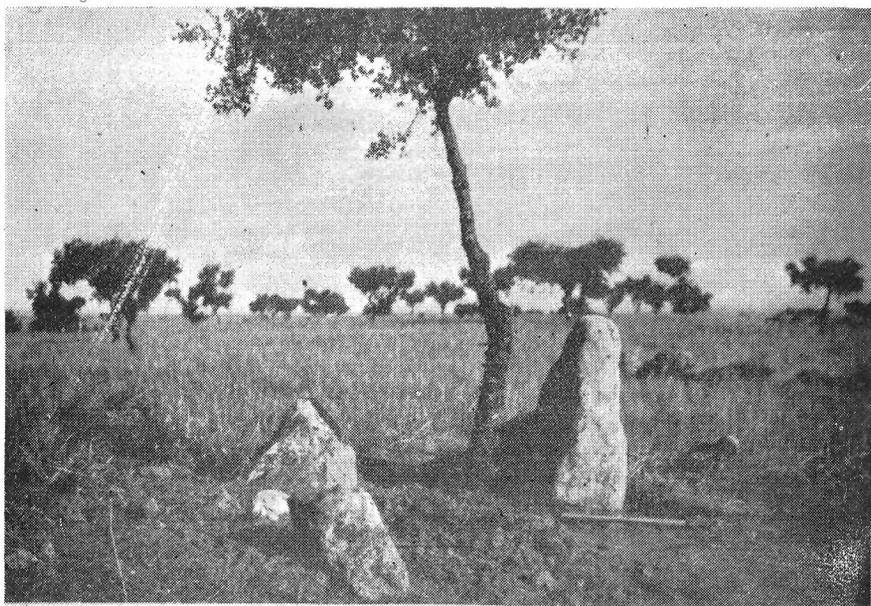
Ultrapassando os limites da Herdade, vistamos ainda:

«Anta do Torrão».—Situada a SE. de Fontalva, na Herdade do Torrão. Ocupa o cimo de uma colina e é formada por esteios de grandes dimensões, alguns dos quais jazem tombados. Nas cartas de Estado Maior de 1:100.000 vem Torrão, em vez de Torrão (Est. VI, 15, 16 e 17).

«Anta de Coutada de Barbacena», ou «Anta de Barbacena».—Fica a Nordeste de Barbacena, cerca de 2.000 metros da povoação, sobre uma colina e um pouco adiante da velha ponte que atravessa a ribeira (Est. VII, 18, 19 e 20).

Os apontamentos de campo de Carlos Ribeiro registam uma visita deste, em 1857, descrevendo-a nos termos seguintes:

—»Quatro grandes pedras toscas levantadas 65° a 70° sobre o horizonte, com 1m,50 a 2m acima da flor do terreno, dispostas quase circularmente, suportando uma quinta pedra formando tecto ou chapeu do dólmen de forma quadrilátera com 3m,5 no maior lado e 2m,80 no menor. Junto a estas viam-se outras duas grandes pedras deitadas no solo e que pertenciam evidentemente ao mesmo dólmen.»



5



Est. II. — 5 e 6, Anta do Alto de Miraflores.

Acrescenta o ilustre geólogo que estas pedras são de granito grosseiro, porfiroide, que não existe na região, devendo ter sido para ali levadas de longe. Diz, finalmente, que encontrou na base do dólmen um cone de terra, restos da primitiva cobertura do monumento funerário. Actualmente estes restos de mamoa já se não vislumbram.

Tanto esta anta como a anterior bem mereciam dos poderes públicos a

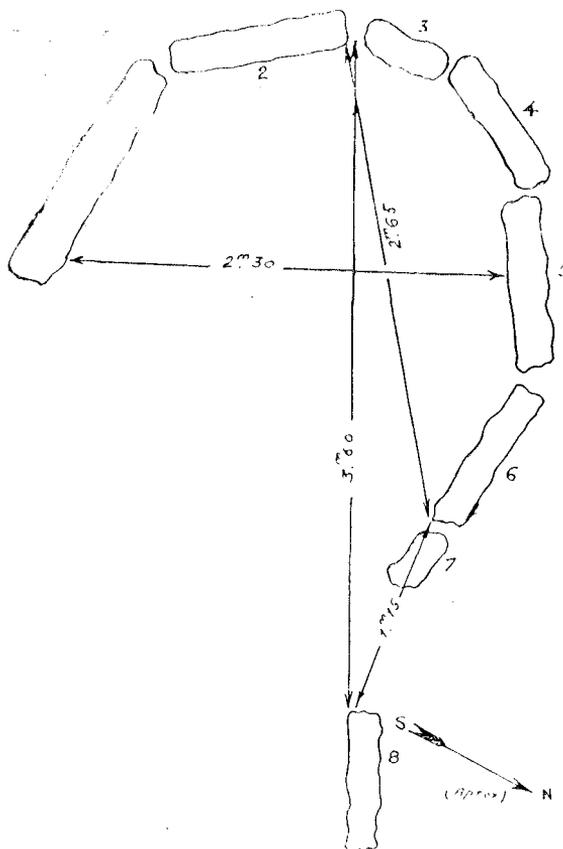


Fig. 2. — Anta do Olival do Monte Velho.

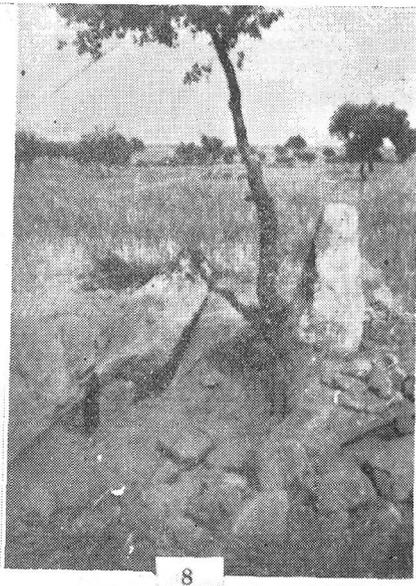
classificação de monumento nacional e, por consequência, os implícitos cuidados de conservação.

Na do Torrão, bastava levantar os esteios caídos e colocar a «mesa» no seu devido lugar.

Na de Barbacena, apenas seria necessário reerguer os esteios tombados e dar um terceiro ponto de apoio à «mesa», porque os dois que possui agora não lhe garantem muito a estabilidade.

(B) Outras recolhas de materiais

Ainda proveniente de dólmenes, mas recolhidos noutras ocasiões, há os seguintes materiais:



Est. III. — 7, 8, 9 e 10, Anta do Alto de Miraflores.

«Anta do Olival do Monte Velho».

- Pontas de seta: 1 (Quartzo) comp.—0m,026; larg.—0m,009; espes.—0m,004.
 2 (Quartzo) » —0m,019; » —0m,010; » —0m,006.
 3 (Sílex) » —0m,023; » —0m,010; » —0m,002.
 4 (Sílex) » —0m,017; » —0m,010; » —0m,002.
 (tem a ponta partida).

—Micrólito trapezoidal retocado nas duas extremidades e na base menor. Base maior—0m,019; base menor—0m,005; alt.—0m,012; espes.—0m,003 (Sílex).

—Lâminazinha de quartzo, retocada em buril em uma das extremidades. Comp.—0m,0195; larg.—0m, 0105; espes.—0m,004.

—Dois fragmentos não ajustáveis do mesmo ídolo-placa de xisto.

—Dois pequenos fragmentos de cerâmica, de um vaso de fundo convexo, tendo perfurada a aresta do fundo. Pertenceram, pois, a um pequeno vaso com orifícios de suspensão. O ponto do bordo em que se praticou a perfuração forma pequena saliência. E semelhante ao do dólmen n.º 1 de Penaclara, desta mesma freguesia de Barbacena ⁴.

—A coroa de um dente molar, humano.

«Anta do Poço da Pereira».

—Lâmina de sílex branco, com retoques em ambos os bordos. Faltam-lhe a base e a ponta, por fractura na época, e uma pequena lasca, resultante de fractura actual. Comp.—0m,062; larg.—0m,019; espes.—0m,005.

—Micrólito trapezoidal, de sílex, trabalhado nos dois bordos oblíquos. Base maior—0m,019; base menor—0m,009; alt.—0m,011; espes.—0m,005.

—Idem, idem. Base maior—0m,018; base menor—0m,005; alt. 0m,010; espes.—0m,0025.

«Anta de Miraflores».

—Micrólito de sílex, idêntico aos anteriores. Base maior—0m,0235; base menor—0m,0105; alt.—0m,010; espes.—0m,002.

«Anta da Cabeça Gorda».

—Parte da base de uma lâmina de quartzo, sem retoques. Comp. actual —0m,0275; larg.—0m,020; espes.—0m,008.

(C) Povoado pré-histórico

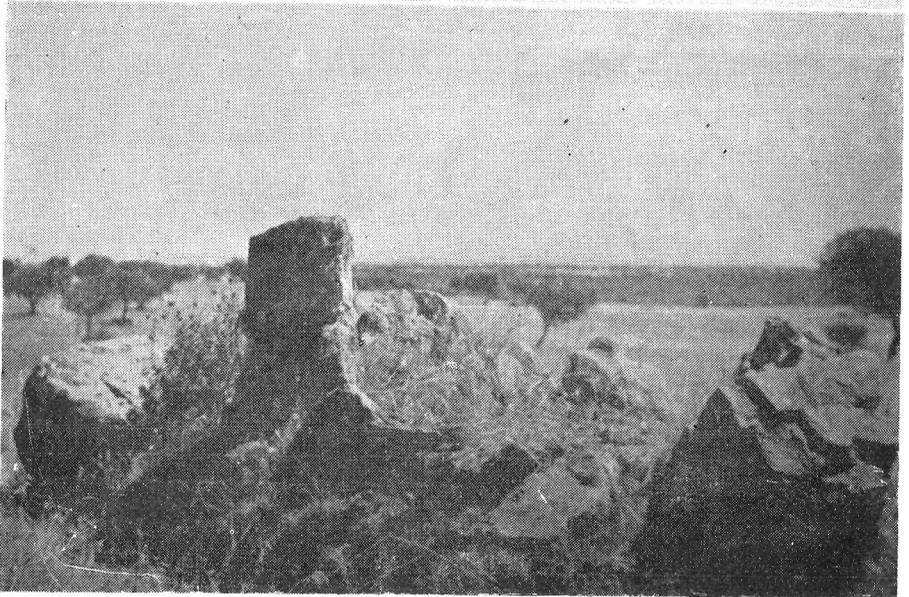
Sempre que se procedia a obras nas dependências agrícolas que rodeiam o palácio da herdade, recolhiam-se peças avulsas do Neo-Eneolítico; este conjunto do Palácio e suas dependências, conforme dissemos já, fica numa pequena elevação que o homem neo-eneolítico também escolheu para viver.

A não ser as colheitas que se fizeram, resultantes da abertura de caboucos para os alicerces das novas edificações, do povoado neo-eneolítico nada mais possuímos senão alguns elementos dispersos que, apesar de tudo, são suficientes para nos dar a conhecer que se trata de um dos castros alentejanos, do tipo de Pavia, Vidais, São Bento ou Azougada (?), Vinagreira ⁵, etc, um tanto diferentes, pelo espólio das estações congêneres das penínsulas de Lisboa e Setúbal.

(4) ABEL VIANA e ANTÓNIO DIAS DE DEUS, "Mais três dólmenes da região de Elvas (Portugal)", *Zephyrus*, IV, Salamanca, 1953.

(5) ABEL VIANA e ANTÓNIO DIAS DE DEUS,

"Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XV, Porto, 1955.



Est. IV. — 11 e 12, Anta da toma do Poço da Pereira.

Enquanto nestes últimos notamos uma grande riqueza de objectos, entre os quais há a referir os de mármore ou de calcário, uma profusa decoração na cerâmica, vasos campaniformes, etc., nos outros castros da margem esquerda do Tejo, como o de Pavia ⁶, quase não há vasilhas decoradas, faltam os cilindros, as lúnulas, as pinhas e mesmo os vasos campaniformes.

Elemento comum em ambos os grupos é o das placas de barro, rectangulares, com quatro orifícios, um em cada canto; todavia, no Alentejo, são de fabrico mais grosseiro e quase sem decoração ao passo que nas penínsulas de Lisboa e Setúbal são, na maior parte, profundamente ornamentadas ⁷.

Estes objectos, a que se atribuem as mais variadas aplicações, depois da descoberta do linho no castro de Vila Nova de São Pedro, melhor se podem considerar como pesos de tear ⁸.

Nos poucos elementos de placas de barro, que possuímos, de Fontalva, notamos-lhes uma forma rectangular alongada e uma persistência de exemplares com dois orifícios apenas.

O número de objectos de silex é aqui bastante diminuto e está representado somente por uma faquinha, facto este que contrasta enormemente com o que se verifica no castro de Vila Nova de São Pedro ⁹.

Igual carência já notara Vergílio Correia em Pavia ¹⁰.

Além das mesmas mós, dos mesmos machados, dos mesmos percutores, há a referir o que no presente trabalho denominamos bigornas, no geral grandes calhaus rolados, achatados e arredondados, com mostras bem evidentes, em cada face, de sobre elas terem martelado longamente.

Já por diversas vezes se tem referido a necessidade que há de estudarem com todo o cuidado estes castros de tipo alentejano, tão diferentes dos das penínsulas de Lisboa e Setúbal.

Recolhidos, como dissemos, os materiais provenientes do castro de Fontalva, em simples aberturas de caboucos, encontram-se misturados, sem nenhuma indicação estatigráfica.

Também se recolheram aqui e além, dentro da propriedade, e no decorrer dos trabalhos agrícolas, alguns machachos e percutores.

Eis a descrição deste material:

(A) Fibrolite.

—Pequeno machado branco mate, com laivos avermelhados, notando-se perfeitamente as fibras do mineral. Falta-lhe o talão e tem uma fractura no gume. Comp.—0m,070; Larg.—0m,040; Espec.—0m,015.

—Pequenina enxó, muito simétrica, talão arredondado e gume recto, fracturado em um dos cantos. Cor cinzenta, com manchas negras. Comp.—0m,029; Larg.—0m,024; Espec.—0m,008. (Est. VIII, 34.)

—Pequenina enxó cinzenta com manchas negras. Gume em curva diagonal

(6) VERGÍLIO CORREIA, "El neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal, *Memoria n.º 27 do Boletim de la Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas*, Madrid, 1921.

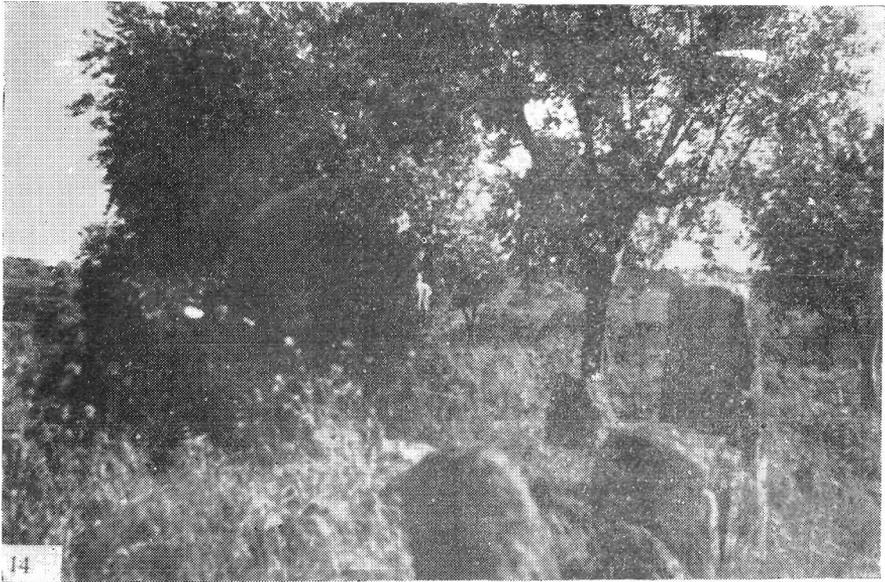
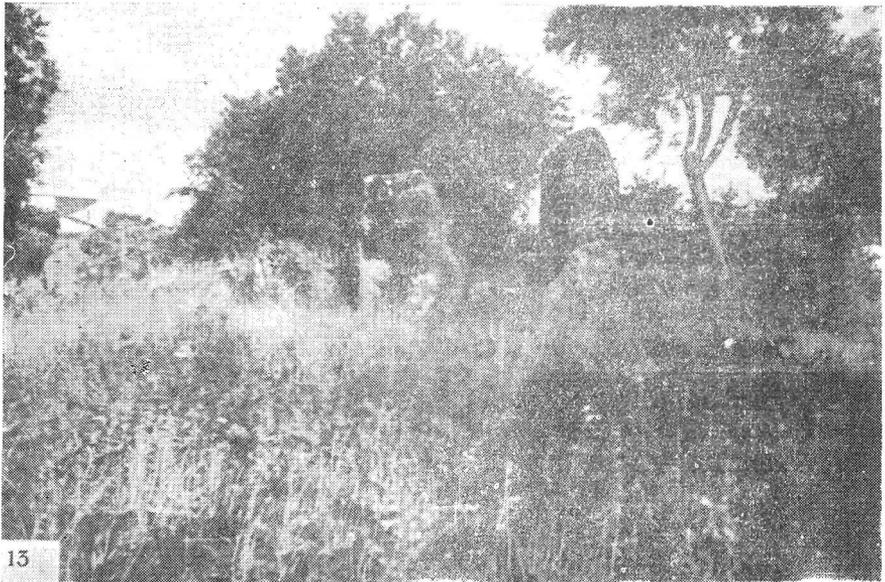
(7) AFONSO DO PAÇO, "Placas de barro de Vila Nova de São Pedro", *Congressos do Mundo Português. 1.º Congresso*, Porto, 1940.

(8) AFONSO DO PAÇO e M.ª LOURDES COSTA

ARTHUR, "Castro de Vila Nova de S. Pedro. IV. Sementes pré-históricas de Linho", *Archivo de Prehistoria Levantina*, IV, V.ª edição, 1953.

(9) EUGÉNIO JALHAY e AFONSO DO PAÇO, "El castro de Vila Nova de S. Pedro", *Sociedad Española de Antropología, Etnología y Prehistoria*, tomo XX, Madrid, 1945.

(10) VERGÍLIO CORREIA, "El neolítico de Pavia".



Est. V. — 13 e 14: Anta do Olival do Monte Velho.

ao plano da secção transversa. Com.—0m,035; Largo.—0m,027; Espes.—0m,007. (Est. VIII, 35.)

—Fragmento de enxó, de cor branco pérola, com veios cinzentos. Foi partida longitudinalmente, e o pedaço existente representa pouco mais de metade do objecto primitivo. Comp.—0m,040; Largo.—0m,021; Espes.—0m,010.

—Escopro duplo, branco amarelado com veios castanhos e manchas de amarelo torrado. Exemplar muito perfeito, bem polido e simétrico. Comp.—0m,069; Largo.—0m,019; Espes.—0m,012. (Est. VIII, 39.)

(B) Xisto anfibólico.

—Machado assimétrico, de gume arqueado, mal alisado em todo o corpo e sômente polido no gume. Comp.—0m,171; Largo.—0m,060; Espes.—0m,032.

—Machado fusiforme, de gume muito oblíquo. Mostra algumas escoriações e aderências de concreção calcária. Secção elíptica. Comp.—0m,113; Largo.—0m,051; Espes.—0m,039.

—Pequeno machado, de gume bastante oblíquo e com mutilações no fio. A superfície do corpo está picada com certa regularidade. Secção elíptica. Comp.—0m,098; Largo.—0m,046; Espes.—0m,030.

—Pequeno machado semelhante ao anterior, mas de secção rectangular com os cantos arredondados. Comp.—0m,085; Largo.—0m,040; Espes.—0m,027.

—Fragmento do machado pulido só no gume, que é levemente curvo e tem o fio bastante esmagado. Falta-lhe o talão. Com excepção da pequena zona polida do gume, toda a restante superfície era picada. Secção elíptica. Comp.—0m,115; Largo.—0m,041. Espes.—0m,041. (Est. VIII, 37.)

—Pequeno machado plano, de bordos planos e de secção rectangular. Gume quase recto. Comp.—0m,066; Largo.—0m,039; Espes.—0m,015.

—Pequeno machado plano, de secção rectangular, muito mutilado no gume e em uma das faces, junto ao talão. Falta-lhe a extremidade deste. Comp.—0m,075; Largo.—0m,037; Espes.—0m,017.

—Pequeno machado muito plano. Secção rectangular. Falta-lhe o talão. Comp.—0m,0505; Largo.—0m,0385; Espes.—0m,011.

—Pequenina enxó fusiforme, muito simétrica. Exemplar perfeito. Superfície totalmente coberta por delgada capa de concreção calcária. Secção elíptica. Comp.—0m,066; Largo.—0m,0345; Espec.—0135. Est. VII, 42.)

—Pequena enxó muito simétrica, mas com as duas faces alisadas e polidas irregularmente. Secção grosseiramente rectangular, devido à imperfeição dos bordos e faces. Gume levemente arqueado. Comp.—0m,076; Largo.—0m,034; Espes.—0m,014.

—Pequena enxó triangular, muito simétrica e bem pulida. Secção rectangular. Comp.—0m,05050; Largo.—0m,025; Espes.—0m,0115. (Est. VIII, 24.)

—Pequeno escopro de gume ogivado. Secção rectangular. Exemplar bem cuidado. Comp.—0m,087; Largo.—0m,020; Espec.—0m,015. (Est. VIII, 38.)

—Pequeno escopro de gume biselado. Secção rectangular, com uma das faces convexa. Comp.—0m,056; Largo.—0m,020; Espes.—0m,014.

—Pequena goiva muito bem polida, de secção rectangular, com os bordos arredondados. Comp.—0m,0495; Largo.—0m,016; Espes.—0m,011. (Est. VIII, 27.)

—Grande escopro fabricado de uma lasca um tanto arqueada. Pulido apenas no gume, que é ogivado. Secção rectangular. Comp.—0m,147; Largo.—0m,040; Espes.—0m,023.



E.t. VI. — 15, 16 e 17: Anta do Torrao.

Este material, com excepção de algumas peças mais pequenas é bastante rude.

C) Anfibolite.

—Machado de secção grosseiramente elíptica. Foi desbastado mas não chegou a ser polido, nem mesmo no gume. Comp.—0m,110; Larg.—0m,066; Espes.—0m,040.

Machado bastante plano, ou espalmado, de secção rectangular, mas com os lados arredondados. Polido somente no gume; o resto foi apenas alisado, ficando com uma larga concavidade a parte central de uma das faces. Comp.—0m,124; Larg.—0m,058; Espes.—0m,023.

Machado encorpado, de secção grosseiramente rectangular e polido somente no gume. Este apresentá-se muito esmagado pelo uso. Com.—0m,108; Larg.—0m,043; Espes.—0m,041.

—Pequeno machado espalmado, de secção rectangular. Exemplar bem cuidado, simétrico, completamente polido. Gume arqueado. Tem ligeiras mutilações no talão. Com.—0m,072; Larg.—0m,039; Espes.—0m,017.

—Pequinina enxó espalmada, de secção elíptica, bastante simétrica. Gume recto, de fio embotado. Pulido na zona do gume e bem alisado no resto. Comp.—0m,060; Larg.—0m,035; Espes.—0m,015. (Est. VIII, 40.)

—Machado feito de uma lasca quadrangular simplesmente polida em uma das faces e na zona do gume. Secção rectangular. Com.—0m,100; Larg.—0m,060; Espes.—0m,025.

—Grande machado muito mutilado nas faces e nos flancos, faltando-lhe a parte correspondente ao talão. Secção rectangular. Gume ligeiramente arqueado, também com mutilações. Medidas actuais: Comp.—0m,160; Larg.—0m,071; Espes.—0m,030.

—Pequeno machado polido apenas no gume, que é rectilíneo. Secção rectangular, com os bordos arredondados. Falta-lhe o talão. Comp.—0m,080; Larg.—0m,049; Espes.—0m,031.

—Exemplar idêntico ao anterior e no mesmo estado de conservação, salvo no gume, que está menos embotado. Comp.—0m,091; Larg.—0m,051; Espes.—0m,032.

—Machado de gume pouco arqueado, muito simétrico. Gume com o fio esmagado. Perdeu o talão, do que resulta também uma grande cavidade inclinada, seguida de outra quase plana, em direcção ao gume, numa das faces. Comp.—0m,110; Larg.—0m,052; Espes.—0m,0295.

—Fragmento de machado. Secção semi-cilíndrica, alisado somente no gume, apresentando este muitas mutilações. Falta-lhe o talão. Comp.—0m,109; Larg.—0m,060; Espes.—0m,0415.

—Fragmento de escopro com gume ogivado e secção rectangular. Gume bem conservado. Faltam-lhe o talão e a metade longitudinal. Com.—0m,087; Larg.—0m,026; Espes.—0m,024.

—Escopro completo, de gume ogivado com sinais de utilização. Com.—0m,091; Larg.—0m,031; Espes.—0m,018.

—Percutor constituído por um machado de secção elíptica, muito mutilado no gume. A parte utilizada para martelar foi a do talão. Comp.—0m,089; Larg.—0m,050; Espes.—0m,033.



Est. VII. — 18, 19 e 20: Anta da Coutada (Barbacena).

Outros objectos:

—Dois fragmentos de ídolos-placas, provavelmente pertencentes ao mesmo exemplar. Este seria do tipo mais corrente, de simples faixas de triângulos. (Est. VIII, 25 e 41.)

—Parte inferior de uma grande lâmina de quartzo hialino, muito retocada na face portadora do bulbo, sendo a outra face constituída por duas superfícies de lascamento. Está atravessada por lápis de turmalina. Comp. do fragmento 0m,049; Larg.—0m,037; Espes.—0m,010. Objecto seria magnífico exemplar, se estivesse completo.

—Um cristal de quartzo avermelhado, com todas as arestas polidas, exceptuando as de um dos topos, que mostram desgaste. O vértice apresenta sinais bem claros de ter servido como furador. Alt. 0m,024; Larg. 0m,014 x 0m,0115.

—Noventa e quatro machados e fragmentos de machados de pedra polida, os quais serviram de percutores. São 87 de anfíbolite, 5 de diorite (um dos quais muito grande), um de corneana (fragmento formado pela zona de um gume) e um de xisto anfibólico (a extremidade da zona de um gume). O comprimento do maior e do menor machado, entre os mais completos, é de 0m,255 e 0m,062, respectivamente.

—Trinta percutores, não constituídos por machados aproveitados para tal afeito, mas sim por blocos de várias espécies de rocha:

I Grupo (esferoidais).—7 de quartzo, 4 de quartzite, 3 de xisto anfibólico, 1 de granito, 1 de diorite; diâmetro do maior 0m,099; idem do menor—0m,060.

II Grupo (alongados).—5 de diorite, 3 de anfíbolite, 3 de xisto anfibólico, 1 de granito, 1 de dolerito (pequenino) e um de quartzo hialino (um grande cristal). Comp. do maior 0m,156; idem do menor 0m,050; grossura do mais espesso—0m,066.

—Catorze pedras que serviram de bigornas: 5 de diorite, 4 de quartzite, 3 de granito, uma de anfíbolite, uma de grão fino, vermelho. Diâm. da maior 0m,118; idem da menor 0m,074.

—Oito mós de granito e uma de diorite (?).

—Doze pilões: 5 de granito, 3 de anfíbolite, um de quartzo, um de quartzite, um de diorite e um de xisto anfibólico.

—Duas tampas de vasilha, circulares: Uma de traquite e a outra de grés amarelo, de grão fino.

—Um pequeno calhau prismático, de secção rectangular, que serviu de afiadeira. É de grés (?) fino, cinzento.

—Uma esfera de funda, de quartzite.

—Um pequeno fragmento de ferro especular (hematite).

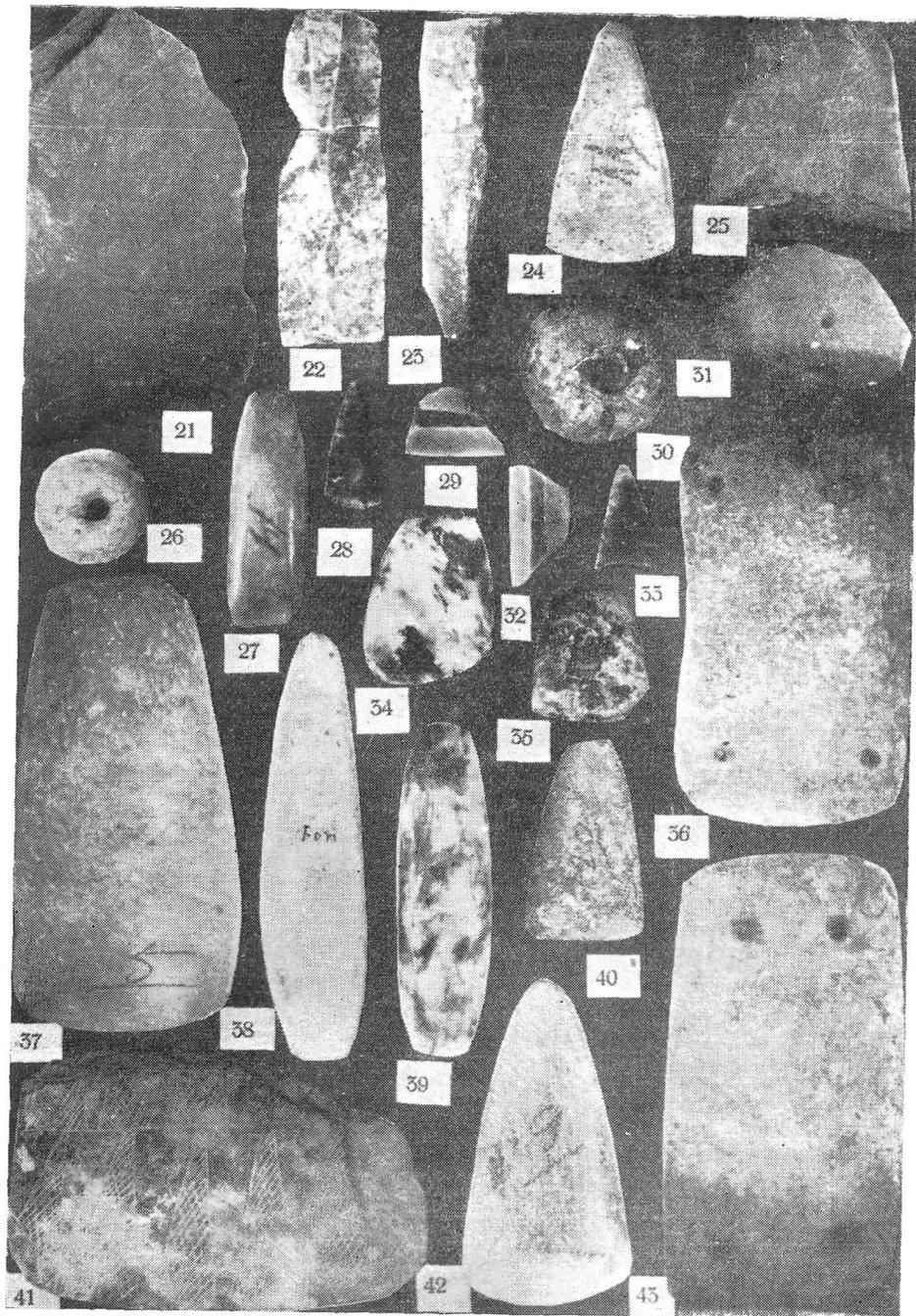
—Um cossoiro de xisto anfibólico. Diâm.—0m,032; Espes.—0m,015; Diâm. do furo—0m,007. (Est. VIII, 26.)

—Uma placa de barro, rectangular, com um orifício em cada um dos quatro cantos. Comp.—0m,132; Largo.—0m,070; Espes.—0m,026. (Est. VIII, 43.)

—Uma placa de barro grosseiro, com muitos grãos de feldspato e de quartzo. Tem um orifício em um dos cantos, podendo ter tido outro no canto oposto desse mesmo lado mais longo, no ângulo perdido por fractura. Comp.—0m,120; Largo. 0m,054; Espes.—0m,022.

Cerâmica lisa:

—Seis fragmentos de uma urna semi-esférica. Estes bocados ajustam-se e



Est. VIII. — 21: Fragmento de placa de xisto ardosiario, gravada (Anta de Miraflores); 22: Lâmina de sílex branco da Anta do Poço da Pereira; 23: Lâmina de sílex do povoado de Fontalva; 24: Enxó de sílex anfibólico do povoado de Fontalva; 25: e 41: Fragmentos de placa de xisto, gravada, do povoado de Fontalva; 26 e 30: Cossóiro de pedra e cossóiro de barro, do povoado de Fontalva; 27: Goiva de xisto anfibólico, do povoado de Fontalva; 28 e 33: Pontas de seta, de sílex (Anta da Cabeça Gorda); 29 e 32: Micrólitos de sílex da Anta da Cabeça Gorda e da Anta de Miraões; 31: Fragmento de vaso cerâmico da Anta da Cabeça Gorda; 34 e 35: Enxós de fibrolito, do povoado de Fontalva; 36 e 46: Placas de barro, perfuradas, do povoado de Fontalva; 37: Machado de anfibolite, do povoado de Fontalva; 38: Escopro de xisto anfibólico, do povoado; 39: Escopro de fibrolite, do povoado; 40 e 42: Enxós de xisto anfibólico, do povoado.

- representam cerca de metade da vasilha. Diâm. da boca—0m,138; Alt.—0m,060.
 --Cinco bordes de vasilhas e parte do fundo de outra.
 --Um fragmento do bordo de uma grande vasilha, com um mamilo.

II.—Materiais romanos

Cerâmica comum

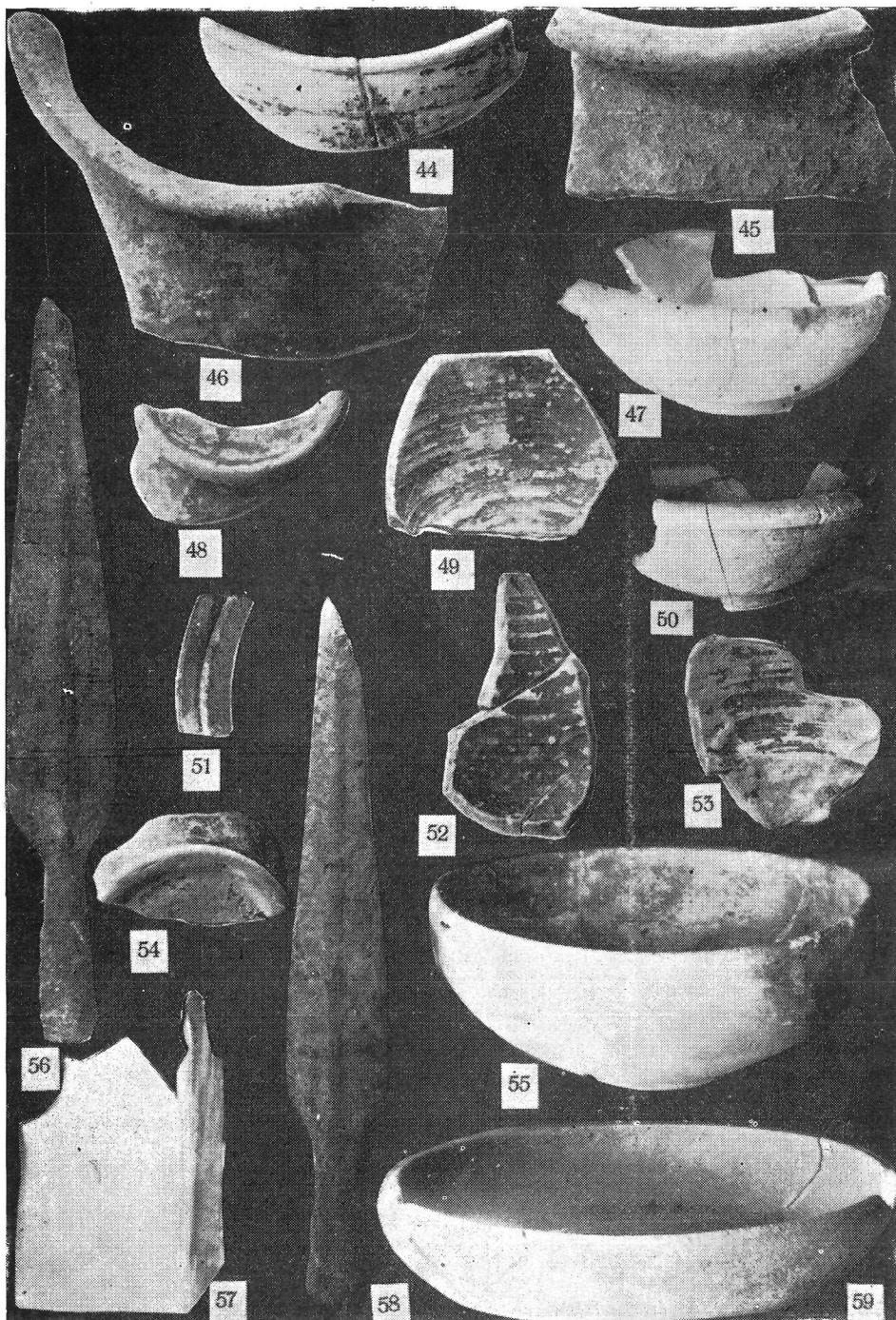
- Prato de barro vermelho. Está fragmentado em três bocados, um deles muito grande. Falta somente pequena porção do bordo. Diâm. na boca—0m,2025; Id. no fundo—0m,186; Alto.—0m,041. (Est. IX, 59.)
 --Grande prato de barro vermelho. Faltam-lhe uma porção do bordo e parte do respectivo flanco. Diâm. na boca—0m,255; Id. no fundo—0m,076; Alt.—0m,065.
 --Púcaro de barro vermelho, com uma asa. Está inteiro. Diâm. na boca—0m,084; Id. no fundo—0m,036; Alt.—113. (Est. X, 66.)
 --Bilha de barro vermelho. Fundo chato. Tem uma asa. Pode considerar-se inteiro, pois lhe falta apenas uma pequena porção do bocal. Diâm. na boca—0m,0495; Id. no fundo—0m,100; Alt.—0m,158. (Est. X, 64.)
 --Bilha de barro vermelho, com fundo chato (lagoena). Tem uma pequena asa. Diâm. na boca—0m,045; Id. no fundo—0m,065; Alt.—0m,293. (Est. X, 61.)
 --Tijela de barro vermelho, fino, bastante deformada no fabrico. Está completa, embora fragmentada. Diâm. na boca—0m,192; Id. no fundo—0m,067; Alt.—0m,075. Est. IX, 55.)
 --Parte inferior de uma bilha muito fragmentada. Diâm. do fundo—0m,070.
 --Fundo de pequena vasilha de barro muito fino, vermelho (imitação de sigillata). Diâm.—0m,042.
 --Três fragmentos do bordo de uma pequena vasilha de barro fino.
 --Três fragmentos de boca de uma vasilha de barro vermelho, fino.
 --Três fragmentos provavelmente da mesma vasilha de barro fino, anegrado pela acção do fogo. (Est. X, 65.)
 --Fundo e parte do flanco de um vaso de barro amarelado. Diâm.—0m,044.

Terra sigillata

- Tijela com o verniz quase totalmente perdido, mas inteira. Diâm. na boca—0m,156; Id. no fundo—0m,652; Alt. 0m,080. (Est. X, 60 e 62.)
 --Pequena tijela fragmentada em cinco pedaços e com falta de cerca de dois terços do bordo. Diâm. no fundo—0m,050; Alt.—0m,055.
 --Vários fragmentos muito gastos, dos quais, quatro pertencentes a fundos, e dois aos flancos. (Est. 48, 49, 52, 53 e 54.)

Outra cerâmica

- Dois fragmentos de uma pequena vasilha de barro branco, de paredes muito finas (imitação de cerâmica de Aco). Dele há também o fundo, mas este não se ajusta aos dois bocados anteriores. Est. IX, 44.)
 --Três fragmentos de grande vasilha de barro vermelho (vasilhame de grandes dimensões). (Est. IX, 45 e 46.)
 --Peso de tear, de forma triangular, com o vértice arredondado. Tem um largo orifício de suspensão no lado que forma a base. Alt.—0m,099.



Est. IX. — 44: Cerâmica branca, de uma sepultura romana de Fontalva; 48, 49, 52, 53 e 54: restos de *terra sigillata*, da mesma sepultura; 45, 46, 47 e 50: Cerâmica grosseira da mesma sepultura; 56 e 58: *Cuspis* de sepultura romana; 55 e 59: Tijela e prato de barro vermelho, prosseiro, da mesma jazida; 57: vaso de vidro, fragmentado.

—Peso de tear grosseiramente rectangular, com estreito orificio de suspensão em um dos topos. Alt.—0m,104.

—Fragmento de peso de tear, com largo orificio de suspensão. O peso completo devia ser de secção elíptica. Alt. do frag^o—0m,074.

Vidrio

—Parte inferior de um frasco de fundo quadrado. Comp. do lado—0m,070. (Est. IX, 57.)

Pedra

—Parte do fundo de um vaso de pedra calcária.

Objectos de ferro

—Duas pontas de lança (cuspis), com alvado e nervura central. Com. de cada uma—0m,218 e 0m,213, respectivamente. (Est. IX, 56 e 58.)

—Ponta de uma espécie de dardo. A extremidade perforante é obtida por meio da laminagem da ponta, seguida de dobragem e martelagem, a fim de se lhe dar forma cônica. Comp.—0m,150.

—Cinzel de corpo cilíndrico. Comp.—0m,162; Larg. na parte espatulada—0m,043; Diâm. na parte cilíndrica—0m,018

—Escopro, ou talhadeira. Comp.—0m,204.

—Dois punções. Comp. de cada um—0m,170 e 0m,143.

—Catorze pregos de secção aproximadamente quadrada, com a cabeça em forma de patilha dobrada em ângulo recto. Comp. do maior—0m,084.

—Oito pregos de cabeça redonda. Comp. do maior—0m, 092.

—Oito fragmentos, ou pregos inteiros, com a cabeça deteriorada, de modo a não se poder determinar a qual dos dois tipos atrás citados pertencem.

Objecto de bronze

—Argola fina, circular no interior e poligonal no bordo externo. O polígono é formado por pequenos segmentos rectos. Diâm.—0m,026.

* * *

Na pequena ribeira que passa pela herdade de Fontalva, foram colhidos exemplares paleolíticos, de quartzite.

O talhe, bastante rude, denuncia uma indústria idêntica à de Arronches, nas margens do Caia, de que a citada ribeira é sub-afluente.

O paleolítico de Fontalva será tratado em nota especial.

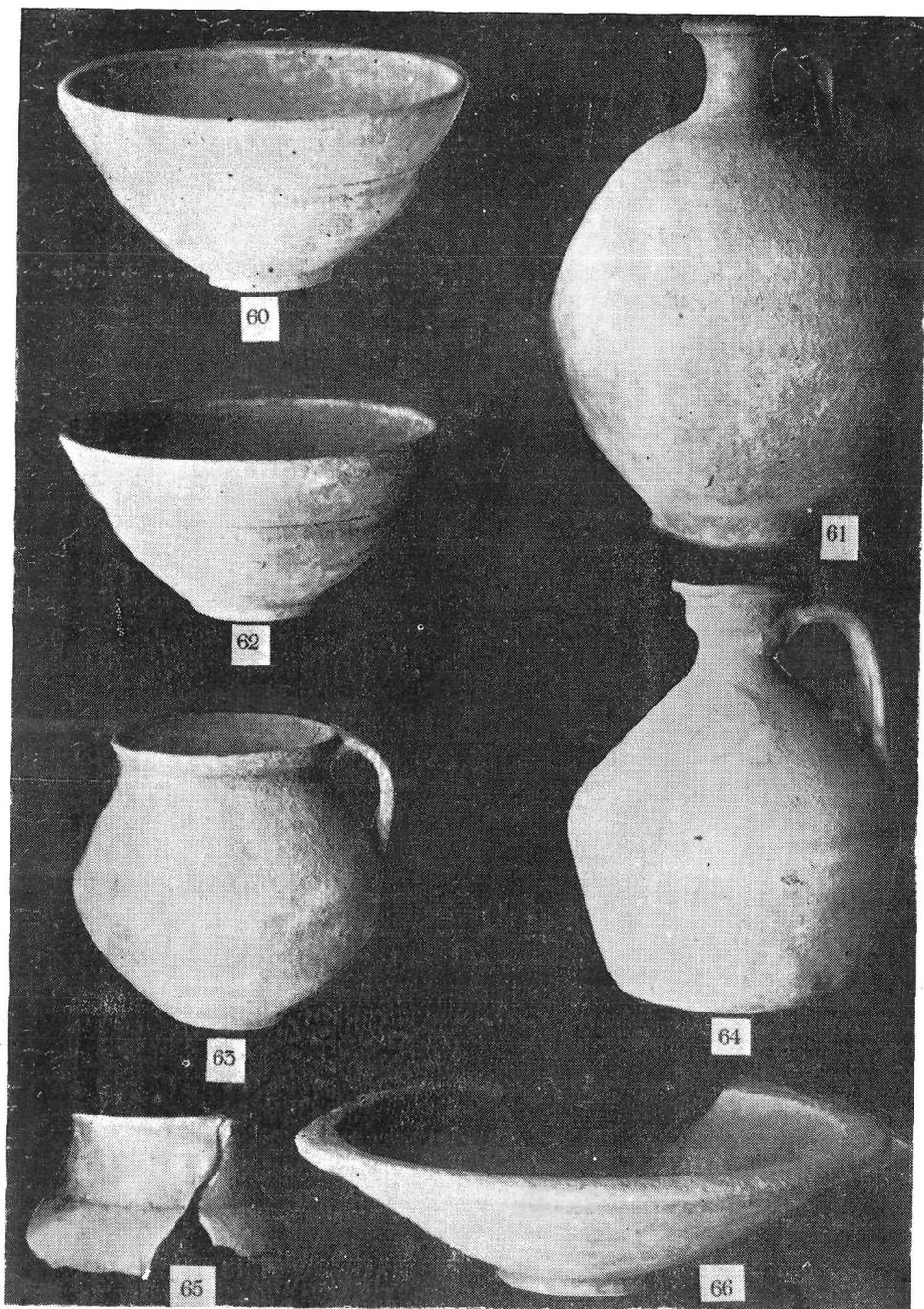
Num grande rochedo cortado verticalmente há vestígios de gravuras rupestres, ficando-nos a impressão de que entre elas se notam algumas figuras cruciformes.

Fontalva oferece-nos, portando, uma extensíssima sucessão de épocas arqueológicas, desde o paleolítico antigo até o testemunho do domínio visigótico, embora com muitas soluções de continuidade.

Salienta-se, pela quantidade de material, o do Eneolítico pleno ¹¹.

(11) Será tempo de acabar com a denominação de Bronze Mediterrânico? Não é lógico classificar de "época de bronze" uma época em que este

não existia. Ainda que não pase de mera arrumação, terminológica,



Est. X. — 60 e 62: Taças de *terra sigillata*; 61 e 64: *Lagoena* de barro vermelho; 63: Urna de duas asas (falta uma), de barro vermelho; 65: Fragmento de urnazinha de barro vermelho, muito fino; 66: Grande prato fundo, de barro grosseiro, avermelhado.

A exploração dos três dólmenes rendeu pouco espólio, e outra coisa não seria de esperar, sendo certo que os dólmenes do Alto Alentejo, particularmente os da zona de Elvas, foram múltiples vezes revolvidos, alguns até no tempo de Romanos e, sobretudo, no último quartel do século passado e começos do presente, já por investigadores sérios, já por amadores e curiosos de aquém e além fronteira.

O mais activo rebuscador das antas elvenses foi, sem dúvida, Tomás João Pires, natural de Barbacena. E certo que tais escavações foram realizadas fora de qualquer preceito científico, mas a riqueza da região é de tal ordem que, mesmo assim, o afã dos inscientes escavadores não pôde apagar a magnífica página arqueológica que o fenómeno megalítico ali nos deixou.

Muitos dos dólmenes repetidamente remexidos foram nestes últimos anos escavados por António Dias de Deus, já falecido, dando muitos deles um espólio de que os devassadores, profissionais ou não, nem sequer suspeitaram.

Pelas observações de Dias de Deus e Abel Viana ¹², o mobiliário dos dólmenes elvenses é idêntico aos da zona de Evora e da de Pavia.

O mesmo se pode concluir dos materiais existentes no Museu Municipal de Elvas, em sua grande maioria, certamente, adquirido pelo seu fundador e primeiro director, o eminente folclorista António Tomás Pires, natural daquela cidade, ao referido Tomás João Pires, o «Pires de Barbacena». Havia mesmo uma tabela de preços, conforme a categoria das peças.

Ora, nos dólmenes de Elvas, notam-se tipos de pontas de seta, de contas de colar, enxós, goivas, alabardas e outros elementos característicos do Eneolítico pleno, ao passo que outros tipos de pontas de seta e os micrólitos trapezoidais, com ressaibos do Neolítico recente, inculcam os primórdios da mesma idade.

Das quatro pontas de seta achadas na Anta do Olival do Monte Velho, duas são de sílex e duas de quartzo hialino.

A região é estéril em jazigos de sílex, pelo que uma grande parte das pontas de seta é fabricada em cristal de rocha, não sendo também raras aquelas em que a matéria prima foi o jaspe.

Das quatro citadas pontas, há três em base recta e a restante apresenta um pedúnculo muito rudimentar.

Adoptando a classificação de Nils Aberg, esta última é dos primeiros alvares do Eneolítico, e as três primeiras são contemporâneas do apogeu do Eneolítico.

* * *

Fontalva constitui, portanto, mais uma valiosa parcela para o conhecimento dos dólmenes da provincia do Alto Alentejo, cujo estudo sintético será permitido levar a cabo quando puderem ser reunidos todos os elementos conhecidos e publicados, e aqueles que neste momento se encontram prestes a ser divulgados.

Concluiremos protestando ao Sr. Dr. Rui de Andrade o nosso veemente reconhecimento, fazendo nós bem sinceros votos para que o exemplo de Fontalva, no Alentejo, e da Casa Cadaval, em Muge, sirvam de norma a todos os nossos grandes proprietários agrícolas.

(12) ABEL VIANA e ANTÓNIO DIAS DE DEUS, "Notas para o estudo", etc.; "Exploração de alguns dólmenes da região de Elvas (Portugal)"; "Mais três dólmenes da região de Elvas".